

**O Porto num tempo e num mundo:
uma leitura de suas transformações recentes a partir de Saskia Sassen**

Porto in a Time and a World:

a reading of its recent transformations based on Saskia Sassen

Patricia Reis de Matos Braz

*Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto - Centro de Estudos de Arquitectura e
Urbanismo
arqpatriciareis@gmail.com*

Teresa Calix

*Professor Associado da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
teresa.calix@arq.up.pt*

RESUMO

Em 1994, Saskia Sassen lançou o livro *Cities in a World Economy*, que trata do reposicionamento das cidades no contexto da globalização. Quando as cidades assumem determinados protagonismos aproximam-se muito mais com outros espaços do mercado internacional do que com outras cidades da região ou do país. O livro vem sendo reeditado a cada seis anos, com última versão em 2018, e seus conteúdos revistos e acrescidos, contextualizando os tempos e o mundo a partir de sua argumentação primeira. No fim do século XX, o Porto, em Portugal, passou pelo desafio de debater sua internacionalização, com resultados bastante visíveis na atualidade. A possibilidade do confronto da leitura em edições sequenciais permite confirmar tendências apontadas, observar novos fenómenos globais e, sobretudo, seus efeitos sobre a condição urbana, oferecendo conceitos e métodos que servem como uma guia de leitura de um caso particular, como o Porto.

Palavras-chave: Porto, desenvolvimento urbano, globalização, Saskia Sassen.

Bloque temático: análisis y proyecto territorial

ABSTRACT

In 1994, Saskia Sassen released the book "Cities in a World Economy," which addresses the repositioning of cities in the context of globalization. Cities take on specific roles, aligning much more closely with other international market spaces than with other cities in the region or country. The book has been reissued every six years, with the latest version in 2018, with its contents revised and expanded, contextualizing the times and the world based on its initial arguments. At the end of the 20th century, Porto, in Portugal, faced the challenge of debating its internationalization, the results of which are quite visible today. The possibility of comparing readings in sequential editions allows for the confirmation of pointed trends, the observation of new phenomena in global processes, and their effects on the urban condition. Furthermore, they offer concepts and methods serving as a guide for reading a particular case, such as Porto.

Keywords: Porto, urban development, globalization, Saskia Sassen.

Topic: análisis y proyecto territorial

Introdução

Quando o Porto se candidatou a sediar a edição de 2001 do Programa Capital Europeia da Cultura (ECOC), colocou-se numa condição de cidade média europeia periférica (Porto 2001, S.A., 1998, p. 5), para a Europa e para o país, sem conotação negativa, depositando no evento uma oportunidade para projeção internacional.

Ao assumir propositadamente tal condição, adota-a como imagem de marca, derivando em “grandes tensões de opostos” os elementos que pautariam o *branding* do evento.

“Urbana: mas não cosmopolita.

(...)

Gregária: mas não massificada.

(...)

Aberta à inovação: mas ciosa de suas raízes.” (ICEP, 1998, p. 7)

Ao pontuar dualismos de uma cidade periférica que se lança ao mundo, deposita nos seus atributos a seguinte expectativa:

“(...) a sua segurança reside na sua forte identidade, que lhe dá confiança de se abrir ao Mundo sem correr o risco de se descaracterizar.” (ICEP, 1998, p. 8)

Passados mais de 25 anos da proposição do evento, qual cidade chegou à atualidade?

Portugal esteve isolado por quase 50 anos das dinâmicas mundiais, que não as coloniais, em razão de uma ditadura vencida em 1974. A adesão à Comunidade Económica Europeia (1986) restabeleceu-lhe pontes com o exterior e ofereceu-lhe referências de padrões a serem alcançados em termos de economia, educação, saúde e coesão social. Neste contexto, a condição periférica do Porto foi um recurso argumentativo, que se mostrou vencedor na disputa pela ECOC-2001, galgando importante passo rumo à internacionalização. Os projetos realizados conferiram-lhe novo aspecto urbano. Dinâmicas posteriores contribuíram para o reposicionamento da cidade na Europa e no mundo.

Naquele momento de iniciativas indutoras de reabertura do Porto para o mundo, a socióloga Saskia Sassen lançava o livro *Cities in a World Economy*, que trata do reposicionamento das cidades no contexto dos mercados transnacionais.

Com intervalos de exatos seis anos - entre 1994 e 2018 - já são cinco as edições do livro, cujos conteúdos são revistos e acrescidos, contextualizando os tempos e o mundo a partir de sua argumentação primeira. Esta história global, condensada num período curto de profundas transformações, favorece a leitura de muitas cidades na contemporaneidade, mesmo que elas não façam parte da primeira hierarquia das cidades globais. Conduzindo o olhar para aspectos económicos, culturais, urbanos ou sociais e revelando processos sistémicos dos quais fazemos parte, oferece-se como roteiro para a leitura de uma cidade particular, o Porto, estudo de caso da pesquisa intitulada “Cultura e Desenvolvimento Urbano: sobre Discursos e Evidências”.

1. Transformações e relações entre e dentro de cidades na era da *World Economy*.

1.1. Introdução ao argumento central sobre as cidades na economia mundial

Em 1994, a socióloga Saskia Sassen refutou análises proclamadoras do fim das cidades como decorrência do desenvolvimento massivo das telecomunicações e ascendência das indústrias da informação. Imaginavam-nas obsoletas como entidades económicas, com a relocação dos locais de trabalho. Para Sassen, junto com a dispersão espacial das atividades económicas surgiram novas formas de centralização territorial de operações de controle da economia global, pois as indústrias de informação requerem certas estruturas e processos de produção, levando-as à concentração de instalações e não à dispersão.

A autora deslocou o olhar dos serviços altamente especializados da economia global para aqueles invisíveis, englobando desde os de secretariado aos de limpeza dos lugares de trabalho. Referiu-se a outros serviços (jurídicos, contabilísticos, imobiliários, etc.), que requerem novos padrões de localização e aglomeração, levando-a a questionar se esses não iluminariam novas abordagens sobre as cidades.

Sassen argumentava que, a entrada das telecomunicações em larga escala nas indústrias avançadas, nos anos 1980, contribuiu para o aumento de densidade dos principais centros de negócios do mundo, observando-se aumento do número de empresas nos centros de grandes cidades, áreas especialmente caras.

Observou também que, com a formação de espaços transnacionais de atividades económicas, os governos passaram a ter um papel menor e muito diferente daqueles assumidos outrora no comércio internacional. A socióloga passou a advogar por um olhar global das cidades, menos concentrado nas suas relações com seus países e regiões, procurando observar efeitos dos processos globais que alteraram “a organização do trabalho, a distribuição de renda, a estrutura do consumo que, por sua vez, criam novos padrões de desigualdade social urbana” (Sassen, 1994, p. xiv).

Defendeu, também, que a análise das cidades favorecia o foco no lugar e na ordem social e política urbana associadas aos diversos serviços especializados decorrentes da economia global. Enquanto, em 1994, a autora atribuía a esta proposta metodológica uma forma de identificar e especificar lugares estratégicos em escala global, a partir de 2012, passa a enfatizar a existência de geografias transnacionais que conectam grupos específicos de cidades.

A socióloga convida-nos a pensar sobre a importância do lugar na era dominada pelo imaginário da globalização econômica; sobre perdas e ganhos de funções das cidades; sobre um papel novo e estratégico para as grandes cidades, ligado à formação de um sistema económico verdadeiramente global; destacando, a partir da edição ampliada de 2012, a importância das especificidades dos locais; e, na quinta edição (2018), fortalecendo o seu argumento inicial de que a globalização econômica não se trata apenas da dispersão maciça de operações pelo mundo, mas de sobreposições de dinâmicas sociais variadas.

1.2. Questões estruturantes e ampliadas na obra de Saskia Sassen

A tese central de Sassen aponta para a combinação da dispersão e da integração global de determinadas atividades económicas. Com alguma variação da 1ª para a 3ª edição, temos:

*In the current phase of the world economy, it is precisely the combination of the global dispersal of economic activities and global integration - under conditions of continued concentration of economic ownership and control - that has contributed to a strategic role for certain major cities that I call **global cities**. (Sassen, 1994, pp. 4, grifo do autor)*

E, posteriormente:

*In the current phase of the world economy, it is precisely the combination of, on the one hand, the global dispersal of **factories, offices, and service outlets, and on the other hand, global information integration** - under conditions of continued concentration of economic ownership and control - that has contributed to a strategic role for certain major cities. These I call **global cities** (...) (Sassen, 2006, pp. 7, grifos nossos)*

Serve a comparação como ilustração do estilo de alteração das edições do livro, de detalhamento de argumentos, que se somam às revisões de capítulos e às novas questões abordadas (Tabela 01).

Enquanto a socióloga apontava para o crescente protagonismo de determinadas cidades, observava perda de importância de outras, por terem perdido suas principais funções e entrado em declínio. Ao argumento das diferenças entre cidades, acrescentou o das desigualdades económicas dentro das cidades, pela distinção entre empregos altamente qualificados exigidos pelos serviços especializados e outros muito pouco qualificados.

Cities in a World Economy				
1ª edição	2ª edição	3ª edição	4ª edição	5ª edição
1994	2000	2006	2012	2018
Chapter 1. Place and Production in the Global Economy				
Chapter 2. The Urban Impact of Economic Globalization				
Chapter 3. New Inequalities among Cities	Chapter 3. New Inequalities among Cities	Chapter 3. National and Transnational Urban Systems	Chapter 3. National and Transnational Urban Systems	Chapter 3. National and Transnational Urban Systems
Chapter 4. The New Urban Economy: The Intersection of Global Processes and Place	Chapter 4. The New Urban Economy: The Intersection of Global Processes and Place	Chapter 4. The New Urban Economy: The Intersection of Global Processes and Place	Chapter 4. The New Urban Economy: The Intersection of Global Processes and Place	Chapter 4. The New Urban Economy: The Intersection of Global Processes and Place
Chapter 5. Issues and Case Studies in the New Urban Economy	Chapter 5. Issues and Case Studies in the New Urban Economy	Chapter 5. Issues and Case Studies in the New Urban Economy	Chapter 5. Issues and Case Studies in the New Urban Economy	Chapter 5. Issues and Case Studies in the New Urban Economy
Chapter 6. The New Inequalities Within Cities				
-	-	Chapter 7. Global Cities and Global Survival Circuits	Chapter 7. Global Cities and Global Survival Circuits	Chapter 7. Global Cities and Global Survival Circuits
-	-	-	Chapter 8. The Urbanizing of Global Governance Challenges	Chapter 8. The Urbanizing of Global Governance Challenges
Chapter 7. A New Geography of Centers and Margins: Summary and Implications	Chapter 7. A New Geography of Centers and Margins: Summary and Implications	Chapter 8. A New Geography of Centers and Margins	Chapter 9. A New Geography of Centers and Margins	Chapter 9. A New Geography of Centers and Margins

Tabela 01: Quadro comparativo das edições do livro *Cities in a World Economy* de Saskia Sassen (Em negrito, encontram-se o marcadores das alterações dos títulos e as indicações de novos capítulos).

Fonte: Preparado pelo autor.

Embora as desigualdades tenham sempre existido, Sassen chamou a atenção para os efeitos das grandes diferenças entre rendimentos, gerando distorções em vários mercados, como o da habitação. Iluminando questões sobre novos tipos de desigualdades, políticas de identidade e de cultura, migração internacional, entre outros, a autora discutiu o impacto urbano da globalização económica, política e cultural.

Demarcando o período da sua análise de anteriores, Sassen discorreu sobre a geografia, a composição e a estrutura institucional da economia global. Com suporte nas variações dos Investimentos Diretos Estrangeiros (IDE), apontou para a mudança na geografia dos novos tipos de transações internacionais, a partir do deslocamento do fluxo internacional dos lugares outrora predominantes para outros que passaram a centralizar serviços financeiros e especializados da nova economia mundial. Observou através de empresas transnacionais, de suas afiliadas e outros arranjos contratuais, o quanto essas assumiram um papel central na organização e na governança da economia mundial, sendo atribuída a elas um lugar no quadro institucional da nova economia e do comércio transfronteiriço, que foi ganhando robustez com a constituição de blocos económicos, como a Comunidade Económica Europeia (EEC).

O tema das cidades globais já vinha sendo tratado pela autora desde 1991. Com algumas pequenas variações nestas edições, fixa o termo *Global Cities* como:

(...) strategic sites for the management of the global economy and the production of the most advanced services and financial operations that have become key inputs for that work of managing global economic operations. (Sassen, 2006, p. 32)

Além de reiterar a mudança do peso dos governos na economia mundial, passou a observar o efeito da mudança do funcionamento das sedes das empresas globais, as quais, diante de necessidades muito específicas dos negócios ou dos países com quem se relacionam, acabam por recorrer às firmas especializadas de serviços corporativos, terceirizando diversas funções (jurídicas, contábeis, seguros etc.).

Através de evidências empíricas, a autora analisou a concentração nas áreas urbanas dos principais mercados internacionais e setores económicos, reiterando o seu argumento de que a combinação da dispersão geográfica com a integração promovida pelas tecnologias de informação fez as cidades estratégicas, no lugar de as tornar obsoletas.

A primeira mudança estrutural do livro ocorre no capítulo 03 dedicado ao estudo das desigualdades interurbanas, quando, na 3ª edição (2006), altera *New Inequalities among Cities* para *National and Transnational Urban Systems*, ampliando o universo de análise de situações. Na 4ª edição (2012) às análises sobre os sistemas urbanos nacionais na América Latina e Europa somaram-se os casos da urbanização da África e Ásia e introduziu-se o tema das imigrações.

Interessa-nos o caso da Europa Ocidental. A socióloga analisou perdas de significância económica em algumas cidades portuárias periféricas, declínios e recomposições económicas, contextualizando condições favoráveis ao fortalecimento das economias como os corredores de transporte de alta velocidade, a internacionalização da produção, o turismo, entre outros.

Sassen evidenciou a tendência de as cidades operarem internacionalmente, observando que os arranjos económicos transnacionais, com várias localizações urbanas em mais de um país, podem ser entendidos como um sistema urbano transnacional, o qual, por sua vez, pode operar no nível regional, continental ou global (Sassen, 2000, p. 56).

Ao tratar da nova economia urbana, Sassen aprofundou a análise sobre as finanças e serviços especializados. Contrapondo tendências que apontam somente para competição entre cidades, advoga pela ideia de divisão global ou regional de funções especializadas. Entre os argumentos, defende que a globalização padroniza determinados serviços, mas requer diversidade e capacidades económicas especializadas (Sassen, 2012, p. 114), muitas delas suportadas na experiência económica prévia daquela cidade.

Analisando o quadro das desigualdades dentro das grandes cidades, Sassen examinou a relação do fenómeno como uma reestruturação económica e social mais ampla, apontando evidências como o crescimento de uma economia informal nas grandes cidades e o surgimento de novas tipologias de sem-teto, como famílias.

Seu argumento estrutura-se nas “transformações na organização do processo do trabalho”. Analisando a distribuição dos ganhos em uma economia dominada por serviços, a partir da 4ª edição (2012), apontou para o nascimento das favelas globais e a reestruturação do consumo urbano.

À medida que o tempo avança e as mudanças económicas e sociais alteram-se, “os mercados de trabalho dentro e ao redor das cidades são estruturados por conjuntos específicos de empregos, com combinações distintas de recompensas, segurança e condições de acesso” (Sassen, 2018, p. 242). Observou o aumento das taxas de rotatividades em determinados serviços nas economias urbanas, tendo como uma das causas o acesso fácil à mão-de-obra, como a de imigrantes e jovens, tornando-se fator de atração para as cidades.

Usando o caso europeu, onde há tradição de maiores medidas governamentais protetivas dos trabalhadores, a socióloga apontou a evolução do quadro de desemprego de um conjunto de cidades desde a década de 1980 à atualidade. Na 5ª edição, associou os números do prolongamento do desemprego a fatores como a recessão da crise internacional e as medidas de austeridade tomadas para mitigação da perda económica, como acontecido em Portugal, Espanha e Grécia (Sassen, 2018, p. 243).

Na 3ª edição, foca um tema de particular interesse para o estudo de caso ao evidenciar dois elementos presentes nas cidades globais e que “definem economias urbanas avançadas baseadas em serviços” (Sassen, 2006, p. 160), o setor cultural e as indústrias culturais. O último destacado como um novo tipo de economia informal de rápido crescimento no final dos anos 1990.

Although these have long played critical roles in major cities around the world, what happened during the last decade is a sort of industrializing of culture and an expansion of the designation of the economics involved. (Sassen, 2006, p. 160)

Ao oferecer exemplos de atividades e equipamentos que fazem parte do universo cultural em ampliação, chamou a atenção para a importância das “cidades criativas”, que ganharam relevo neste século. O termo combinaria a existência de um setor cultural e de entretenimento de uma cidade com a demanda sempre crescente dos profissionais empregados nas indústrias dos serviços especializados, por lugares culturalmente dinâmicos para viver e trabalhar.

Tratou ainda do processo de formação das mega favelas, percebendo o crescente movimento ativista de moradores que se articulam em escala internacional: o surgimento de favelas globais. Como último tópico acrescido às análises, destacou desafios de governança global materializados nas cidades: o meio ambiente; a insegurança urbana; e o aumento acentuado das formas económicas de violência (Sassen, 2018, p. 295).

Por fim, sintetiza os argumentos construídos ao longo das edições: o dualismo dispersão e centralização de atividades económicas; efeitos semelhantes da globalização em diferentes escalas; nova geografia de centralidade e marginalidade; e proliferação de redes sociopolíticas como parte dos sistemas urbanos transnacionais (Sassen, 2018, p. 319).

Saskia não coloca em causa a globalização diante das crises do século XXI (11 de setembro e crise financeira), como outros pesquisadores consideram. Nem sinaliza nova edição que possa jogar luz sobre situações críticas recentes, como a pandemia do COVID-19, as guerras Rússia-Ucrânia e Israel-Palestina e as consequências do protecionismo e nacionalismo sobre as cidades. Revisão de literatura recente confronta visões, ponderando não pelo fim da globalização, mas para emergentes transformações (Dedej & Medici, 2024).

2. O Porto *in a World Economy*.

O ponto de partida para a leitura do Porto, considerando as análises de Sassen, é a assincronia entre aquela cidade nos anos 1990 e as tratadas pela socióloga. Embora, perceba-se nas suas reflexões que o mundo globalizado alcança diferentes escalas de cidades, em Portugal tais efeitos tardam a chegar.

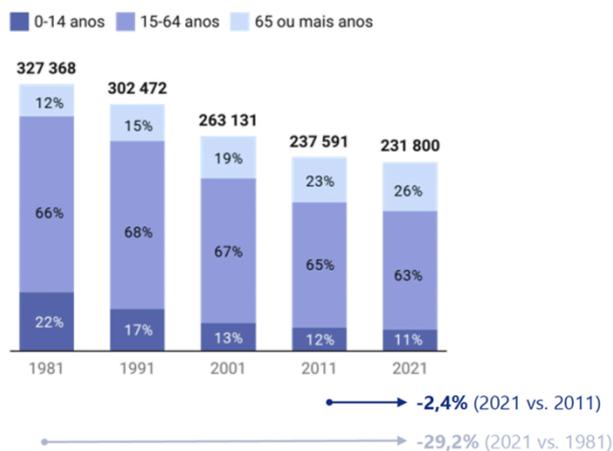
Recuando no tempo, reconhecemos o mundo contextualizado pela autora, que antecede a cidade global. Uma cidade portuária, com relações com o estrangeiro e com um dinamismo que transcende as forças económicas, marcado também pela cultura e política. O Porto industrializou-se na segunda parte do século XIX, expandiu-se para fora dos limites antigos, modernizou-se, porém, criou zonas de pobreza.

O Porto no início do século XX foi marcado pelo vigor da indústria. Contudo, sofreu com a desindustrialização e a saída do porto de cargas da zona ribeirinha, levando à perda das principais funções comerciais e de serviços na área central, ao esvaziamento da população e degradação do edificado histórico. No final do mesmo século, aquela cidade foi descrita como um “dónute”, tudo em volta, nada no centro. A envolvente também ficou marcada por desigualdades, como a freguesia oriental de Campanhã, um dos redutos de antiga produção fabril e alvo de atenção na atualidade.

Pequena (42km²), totalmente urbana e sem área de expansão, a cidade não pode ser analisada sem sua relação com a Área Metropolitana do Porto (AMP). O processo de conurbação industrial conformado com o entorno por décadas dissipa-se a partir da década de 1980, observando-se perda acentuada da população, tendência que só começaria a ser revertida a partir de 2017 (Gráficos 1 e 2).

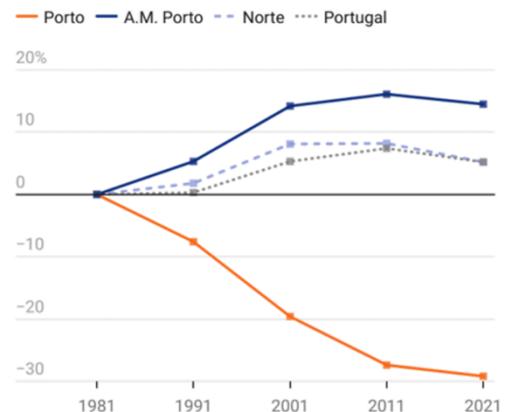
População residente segundo os Censos – Porto

Número total e % por grande grupo etário



Evolução da população residente nos últimos 40 an

Diferença vs. 1981 (%)



Gráficos 01 e 02: População residente segundo os Censos e Evolução da população residente nos últimos. Fonte: (CMP, 2023)

A saída da indústria transformadora foi acompanhada por “dinâmicas de diversificação industrial e reconversão baseada em novos fatores de competitividade e estratégias empresariais ancoradas em inovação, internacionalização, logística *just-in-time* e marca própria” (Carvalho, Mendes, & Pinto, 2020, p. 220).

A internacionalização passou a ser uma aposta naqueles anos 1990, observando-se uma sequência de iniciativas somadas a conjunturas involuntárias contribuindo para o reposicionamento da cidade: o reconhecimento do Centro Histórico pela UNESCO (1996); a realização da VIII Cimeira Ibero-Americana (1998); a Capital Europeia da Cultura (2001); a mudança de paradigma da reabilitação do referido Centro Histórico (2003); a ampliação do aeroporto (2006) e as companhias *low-cost*; a crise internacional (2008) desviando investimentos do mercado financeiro para o imobiliário assente num património construído,

degradado e subvalorizado; as medidas de austeridade como a nova lei de arrendamentos (“Lei Cristas”), refletindo na reabilitação do edificado; a introdução de novos modos de hospedagem agenciados por plataformas do tipo *Airbnb*; e o fomento ao ensino superior e tecnológico, fortalecendo o capital intelectual exigido no mundo dos serviços especializados.

Nota-se um forte movimento para potencializar os atributos da cidade, resultante da sua riqueza cultural, sua morfologia esculpida no Douro e sua gente. Percebe-se o quão alinhada era a aspiração da política cultural municipal com o debate do fim-de-século. Nuno Grande, sobre a inauguração do Museu de Serralves (1999), sintetiza:

Apesar de todos os desfasamentos culturais, expostos por essa vertigem finissecular, o Porto conseguiu, ao longo da década de 90, colocar-se a par de outras cidade-médias europeias, igualmente prestigiadas, quer pelo seu património, quer pela sua oferta cultural, granjeando algumas das mais importantes nomeações, no quadro da crescente competição interurbana(...) (Grande, 2009, p. 521)

A combinação de iniciativas locais e contextos externos impactam, posteriormente, no interesse turístico pela cidade, outra transformação recente observada, também apontada por Sassen.

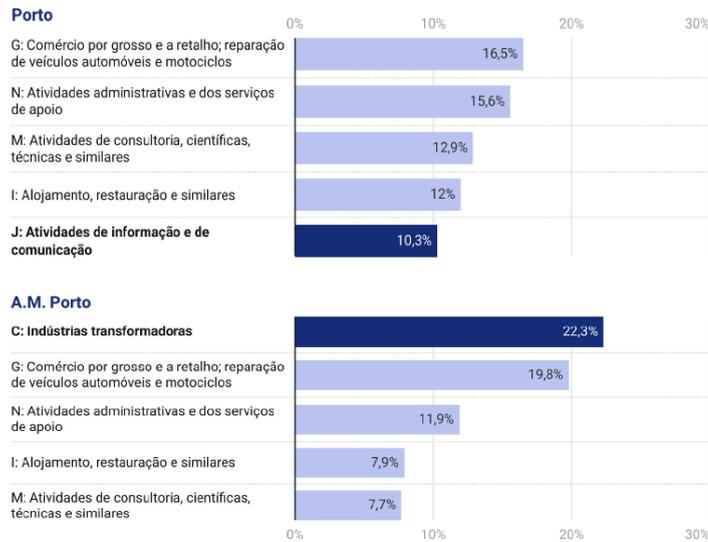
Quando analisava competições interurbanas, discutia a tendência de divisão global ou regional de funções especializadas. E o Porto acabou por assumir um lugar distinto na AMP, mudando a sua matriz económica para os serviços especializados, comércio e turismo (Gráficos 3 e 4).

Atividades económicas com maior peso no Emprego
% do pessoal ao serviço das empresas, 2021



Gráficos 03: População empregada por setor Fonte: (CMP, 2023)

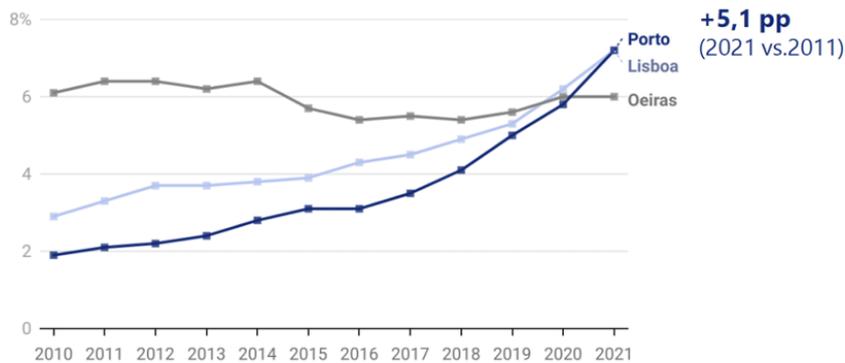
Atividades económicas com maior peso no Emprego % do pessoal ao serviço das empresas, 2021



Gráficos 04: Atividades económicas com maior peso no Emprego. Fonte: (CMP, 2023)

A análise temporal um pouco mais alargada evidencia o peso que os serviços informáticos ganharam na última década (Gráfico 05), bem como o lugar de destaque do ambiente cultural e criativo (Gráfico 06), assumido como estratégico pelo governo do independente Rui Moreira (2013-2025), vereador da cultura.

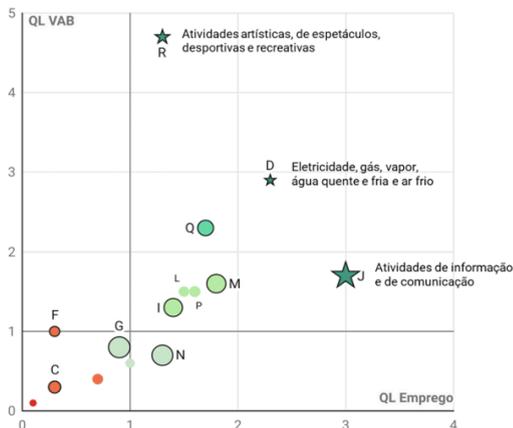
Peso das Empresas de Serviços Informáticos no Emprego Top 3 nacional, em % do pessoal ao serviço das empresas



Gráficos 05: Peso das Empresas de Serviços Informáticos no Emprego. Fonte: (CMP, 2023)

Especialização do VAB e do Emprego: Porto face a Portugal

Quocientes de Localização (QL) por Atividade Económica, 2021



- C: Indústrias transformadoras
- D: Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio
- F: Construção
- G: Comércio por grosso e a retalho, reparação de veículos, automóveis e motociclos
- I: Alojamento, restauração e similares
- J: Atividades de informação e de comunicação
- L: Atividades imobiliárias
- M: Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares
- N: Atividades Administrativas e dos serviços de apoio
- P: Educação
- Q: Atividades de saúde humana e apoio social
- R: Atividades artísticas, de espetáculos, desportivos e recreativa.

Gráficos 06: Especialização do VAB e do Emprego: Porto face a Portugal. Fonte: (CMP, 2023)

Já a Tabela 2 mostra que, na totalidade, os investimentos em cultura triplicaram desde 2013.

Indicador	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Património cultural	126,5	1613,1	1666,2	1794,6	2452,7	2710,1	2583	2756,4	3365,1	4060,6
Bibliotecas e arquivos	2174,5	3800,6	3783	3133,9	3767,4	3567,4	3594	3791,9	3882,2	3656,3
Livros e publicações	19,7	21,3	9,6	9,6	30,7	73	61,3	25,8	31,6	165,2
Artes Visuais	56,7	51,1	656,8	316	1007,5	2097,3	1508,5	1365,4	1194,1	640,7
Artes do espetáculo	1664,6	1443,1	1553,7	1598,2	4118,6	4840,1	3451,1	2774,9	2715,4	4303,4
Audiovisual e multimédia	26,2	61,3	517,2	538	226,3	458,2	179,8	151,3	414,8	677,9
Total	4068,2	6990,5	8186,5	7390,3	11603,2	13746,1	11377,7	12885,7	11603,2	13504,1

Tabela 2: Despesa da Câmaras Municipal do Porto em cultura por domínio (2013-2022)
Fonte: INE/Pordata. Organizado pela autora | Euros - milhares

No que tange ao combate às desigualdades internas, o executivo municipal priorizou o desenvolvimento da zona oriental da cidade, fomentando tanto o ambiente dos serviços especializados, quanto os culturais, sintetizando tal estratégia na Reconversão do Matadouro Industrial do Porto, de arquitetura icónica.

FREGUESIA	2017	2018	2019	2020	2021	2022	Varição (%) 2017/2022
Bonfim	1 578,00	2 256,00	2 577,00	2 822,00	3 065,00	3 294,00	208,75%
Campanhã	1 231,00	1 403,00	1 705,00	2 138,00	2 541,00	2 939,00	238,75%
Paranhos	1 519,00	1 561,00	2 148,00	2 568,00	2 751,00	2 933,00	193,09%
Ramalde	1 522,00	1 472,00	2 217,00	2 353,00	2 530,00	2 634,00	173,06%
UF Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde	2 140,00	2 620,00	3 670,00	3 917,00	4 314,00	4 598,00	214,86%
UF Cedofeita, Ildefonso, Sé, Miragaia, Nicolau, Vitória	2 237,00	2 752,00	3 480,00	3 979,00	4 147,00	4 441,00	198,52%
UF Lordelo do Ouro e Massarelos	1 803,00	1 865,00	3 206,00	3 630,00	3 625,00	4 014,00	222,63%

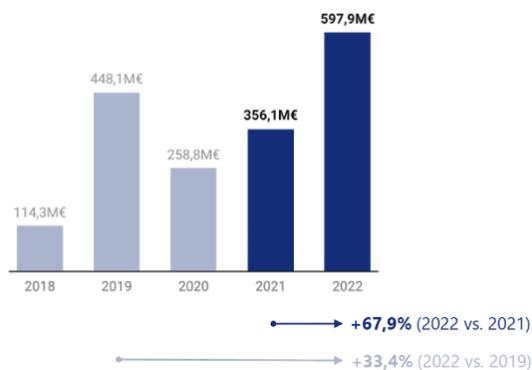
Tabela 3: Variação do preço de venda do m2 por freguesia do Porto entre 2017 e 2022 (em €)
Fonte: Preparado pelo autor a partir de dados da GEOIP/Porto Vivo, SRU|

Fatores diversos, já assinalados, impactaram diretamente no imobiliário. A conjuntura do Porto espelha o país, com escassez de habitação e aumento dos valores de venda e arrendamento. O parque habitacional subutilizado deu lugar a alojamentos turísticos e a produção de habitação nova diminuiu. Como apontado por Sassen, o mercado é impactado pela chegada de profissionais especializados, bem remunerados, e agora os nómades digitais. No Porto, a população estrangeira aumenta 144,2% em 2021 face a 2011. O estímulo à imigração num país com défice demográfico conflita com as limitações económicas dos portugueses e custos de habitação cada vez mais altos (Tabela 3).

Embora Sassen não se refira ao Porto, indica fontes onde assentam suas análises. Uma delas, desenvolvida pelo *ThinkTank Globalization and World Cities Study Group and Network*, mostra o ranking de conectividades entre cidades. Entre 2013 e 2016, o Porto sai da posição 168 para 142. No mesmo período, Lisboa praticamente permanece inalterada, caindo da posição 148 para 149. Sem avançar nestas análises, dados da Câmara Municipal do Porto (CMP, 2023) sinalizam o aumento de Investimentos Diretos Estrangeiros (IDE) e para o aumento de empregos deles decorrentes (Gráficos 07 e 08).

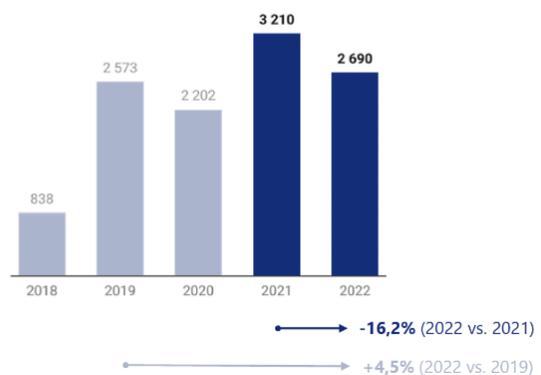
Investimento dos projetos de IDE – Porto

Despesas de capital (CAPEX) anunciadas por ano, em milhões de euros



Emprego criado por projetos de IDE – Porto

Número de novos postos de trabalho anunciados por ano



Gráficos 07 e 08: Investimento dos projetos IDE – Porto e Emprego criado por projetos de IDE – Porto go. Fonte: (CMP, 2023)

Estes e muitos pontos merecem mais atenção e análise na dinâmica recente da cidade.

3. Considerações Finais

Com certo desfasamento, observamos os processos que incidem sobre as cidades globais apontados por Sassen na trajetória do Porto. A cidade dos anos 1990 que projetou se internacionalizar, encontra-se nesta condição hoje, menos periférica.

As políticas municipais vêm conduzindo estratégias que tentam otimizar a superfície (escassa), potencializar os atributos particulares (cultura nomeadamente) e contornar os constrangimentos (expansão limitada). Seus resultados são perceptíveis na inversão da curva de perda de população, no aumento dos investimentos estrangeiros, na migração, no turismo e nas clivagens entre cidadãos, *city-users*, entre outros.

Outros constrangimentos surgem diante das mudanças, suscitando distintas políticas públicas para lidar com a escassez da habitação ou o excesso de turismo concentrado no Centro Histórico.

4. Agradecimentos

Pesquisa financiada pela FCT, sob identificação SFRH/BD/147951/2019.

5. Referências

- Carvalho, L., Mendes, T., & Pinto, J. R. (2020). 5.1. Produção. Em *Geografia do Porto* (1.^a ed., pp. 214–227). Porto: Book Cover Editora.
- CMP. (2023). *Boletim Económico do Porto 2022* [Anual 2022].
- Dedej, A., & Medici, L. (2024). Is Globalization Over? *Interdisciplinary Journal of Research and Development*, 11, 7. <https://doi.org/10.56345/ijrdv11n102>
- Grande, N. (2009). *Arquitecturas da cultura: Política, debate, espaço. Génese dos Grandes Equipamentos Culturais da Contemporaneidade Portuguesa* (Doutoramento). DARQ/FCTUC, Coimbra.
- ICEP. (1998). *Briefing para logo e assinatura do Porto 2001—Cidade Europeia da Cultura*.
- Porto 2001, S.A. (1998). *Relatório da Comissão Instaladora da Porto 2001—Capital Europeia da Cultura*.
- Sassen, S. (1994). *Cities in a World Economy* (1^a). Thousand Oaks, California: SAGE Publications Company.
- Sassen, S. (2000). *Cities in a World Economy* (2^a, Orig. pub.: 1994). Thousand Oaks, California: SAGE Publications Company.
- Sassen, S. (2006). *Cities in a World Economy* (3^a). Thousand Oaks, California: SAGE Publications, Inc.
- Sassen, S. (2012). *Cities in a World Economy* (4^a). Thousand Oaks, California: SAGE Publications, Inc.
- Sassen, S. (2018). *Cities in a World Economy* (5^a). Thousand Oaks, California: SAGE Publications.